



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
LICENCIATURA EDUCAÇÃO DO CAMPO

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
ENTRE MEMÓRIAS E CAMINHOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DOCENTE A PARTIR DE UMA TRAJETÓRIA FORMATIVA

ALEXANDRE CORRÊA DA SILVA

ABAETETUBA

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
LICENCIATURA EDUCAÇÃO DO CAMPO

ALEXANDRE CORRÊA DA SILVA

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
ENTRE MEMÓRIAS E CAMINHOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DOCENTE A PARTIR DE UMA TRAJETÓRIA FORMATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará (UFPA), Faculdade de Educação
do Campo, como requisito
indispensável para a obtenção do título
de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Joseline
Simone Barreto Trindade

ABAETETUBA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586e Silva, ALEXANDRE CORREA.
ENTRE MEMÓRIAS E CAMINHOS: A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DOCENTE A PARTIR DE UMA TRAJETÓRIA
FORMATIVA / ALEXANDRE CORREA Silva.
— 2026.
46 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Joseline Simone Barreto Trindade
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Educação do
Campo, Abaetetuba, 2026.

1. Autobiografia. 2. Território. 3. Educação do campo. 4.
Identidade. I. Título.

CDD 365.4092

ALEXANDRE CORRÊA DA SILVA

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
ENTRE MEMÓRIAS E CAMINHOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DOCENTE A PARTIR DE UMA TRAJETÓRIA FORMATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará (UFPA), Faculdade de Educação
do Campo, como requisito
indispensável para a obtenção do título
de Licenciado em Educação do Campo.

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Joseline Simone Barreto Trindade

Examinador Externo

Profa. Especialista Jocilene Costa da Silva

Examinador Interno

Profa. Dr. José Francisco da Silva Costa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus familiares que sempre seguraram em minha mão nessa grata viagem da graduação, em especial a meus pais Alexandra Corrêa da Silva e José Maria da Silva que sempre me sustentaram em todas as dimensões da minha existência e aos meus filhos Lucas Lauan e Jorge Vinícius que em todos os dias de minha vida florescem amor e tudo o que de melhor há em mim.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi uma caminhada feita sozinho. Este trabalho representa uma conquista pessoal, mas também carrega a presença de muitas pessoas que fizeram parte da minha trajetória, através do apoio, incentivo e das palavras de motivação nos momentos mais difíceis.

Agradeço primeiramente a Deus pela força e pela oportunidade de continuar seguindo mesmo diante dos desafios encontrados pelo caminho.

Aos meus pais, deixo minha gratidão por sempre acreditarem em mim e por mostrarem, através de suas próprias histórias, a importância da educação. Tudo que construí também tem a participação deles.

A minha avó Maria Maciel, professora que marcou minha vida, agradeço por ter sido uma das minhas primeiras inspirações para seguir na docência. Foi vendo sua dedicação que comecei a compreender o significado de ensinar.

Aos meus filhos Lucas Lauan e Jorge Vinicius, agradeço por terem dado novos sentidos a minha caminhada e por serem uma das maiores motivações para continuar buscando novos caminhos.

À comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê, onde cresci e construí minha identidade, meu muito obrigado por todos os ensinamentos sobre coletividade, respeito e pertencimento.

Aos professores e colegas da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Pará, agradeço pelas experiências compartilhadas e pelos conhecimentos construídos durante essa caminhada.

Agradeço também aos professores que fizeram parte da minha formação e aos estudantes que encontrei na minha trajetória como educador. Cada experiência contribuiu para formar o professor que sou hoje.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, caminharam comigo. Esta conquista não representa apenas uma realização individual, mas uma história construída junto com muitas pessoas.

Minha eterna gratidão!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta uma narrativa autobiográfica fundamentada na trajetória de vida e formação acadêmica do autor, Alexandre Corrêa da Silva, no contexto da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Pará (UFPA). O objetivo central do trabalho é analisar a construção da identidade docente a partir de uma perspectiva situada, compreendendo como as vivências no território quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê, em Moju, influenciaram a prática pedagógica e o compromisso social com a educação rural. O memorial detalha os diversos desafios enfrentados ao longo da jornada escolar, desde as dificuldades de acesso geográfico até os obstáculos vivenciados durante o ensino remoto emergencial. Ao relatar experiências como a conciliação entre estudos, responsabilidades familiares e a prática profissional, o texto busca evidenciar que a formação docente é um processo contínuo de resiliência e adaptação. Mais do que uma simples descrição cronológica, esta narrativa explora as tensões entre o saber acadêmico e os conhecimentos ancestrais da comunidade, defendendo uma proposta educacional que valorize as singularidades do campo e promova o desenvolvimento humano integral. O trabalho conclui que a atuação do professor no campo vai além da transmissão de conteúdos programáticos; trata-se de um exercício constante de escuta, reconhecimento e mediação cultural. Ao documentar essas reflexões, este TCC reafirma a importância da educação como ferramenta de transformação social, capaz de fortalecer a autonomia dos estudantes e contribuir para a construção de um ambiente escolar mais reflexivo e comprometido com a realidade local, consolidando a trajetória do autor enquanto educador e pesquisador vinculado ao seu território de origem.

Palavras-chave: Autobiografia; Identidade; Educação do campo; Território

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA	11
1. COMO ESTRUTUREI A PESQUISA:	11
2. COMO ORGANIZEI AS INFORMAÇÕES- P	11
• <i>Memórias de vida:</i>	11
• <i>Análise de documentos:</i>	11
• <i>Apoio teórico:</i>	11
3. O PERCURSO DA NARRATIVA- D.....	11
• <i>Primeiros passos:</i>	11
• <i>Obstáculos e dificuldades:</i>	11
• <i>O ingresso no ensino superior:</i>	12
• <i>O retorno:</i>	12
4. A VISÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO	12
PROBLEMÁTICA	12
OBJETIVOS.....	12
1. GERAL:	12
2. ESPECÍFICOS	13
• <i>Descrever o contexto da formação inicial:</i>	13
• <i>Analisar os processos de interrupção e continuidade:</i>	13
• <i>Examinar o papel das redes de suporte:</i>	13
• <i>Relacionar a vivência local com a prática docente:</i>	13
CAPÍTULO 1 – RAÍZES, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE QUILOMBOLA.....	14
1.1 O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA CONSTRUÍDA PELO CUIDADO COLETIVO	14
1.2 A COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO BAIXO POACÊ COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO	14
1.3 FAMÍLIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO: OS PRIMEIROS ENSINAMENTOS SOBRE RESISTÊNCIA	16
1.4 AS EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA E OS PRIMEIROS SINAIS DA DOCÊNCIA	17
1.5 O TERRITÓRIO COMO ORIGEM DA IDENTIDADE DOCENTE	18
CAPÍTULO 2 – ENTRE CAMINHOS E DESAFIOS: ESCOLARIZAÇÃO, TERRITÓRIO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE	19
2.1 O CAMINHO ATÉ A ESCOLA: QUANDO ESTUDAR SIGNIFICAVA ATRAVESSAR DISTÂNCIAS	19
2.2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO, PERTENCIMENTO E DESCOBERTA.....	20
2.3 O ENSINO MÉDIO: DESAFIOS, PROTAGONISMO E RECONHECIMENTO DAS MINHAS POTENCIALIDADES ..	21
2.4 O ENCONTRO COM AS CIÊNCIAS HUMANAS E O NASCIMENTO DO SONHO DOCENTE	23
CAPÍTULO 3 – QUANDO O SONHO ENCONTROU A UNIVERSIDADE: A FORMAÇÃO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	24
3.1 A UNIVERSIDADE COMO POSSIBILIDADE CONSTRUÍDA PELA TRAJETÓRIA	24
3.2 A APROVAÇÃO NA UFPA: UMA CONQUISTA INDIVIDUAL E COLETIVA	24
3.3 O ENCONTRO COM A UNIVERSIDADE E OS NOVOS DESAFIOS	25
3.4 A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: FORMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE.....	26
3.5 FORMAR-SE PROFESSOR SEM ABANDONAR AS PRÓPRIAS RAÍZES	28
CAPÍTULO 4 – ENTRE INTERRUPTÕES E RESISTÊNCIAS: PANDEMIA, DESAFIOS FAMILIARES E A PERMANÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE	28
4.1 A FORMAÇÃO INTERROMPIDA: QUANDO A UNIVERSIDADE PRECISOU ENCONTRAR NOVOS CAMINHOS ...	28
4.2 A AUSÊNCIA DA UNIVERSIDADE FÍSICA E OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM REMOTA	29

4.3 O MOMENTO DA DÚVIDA: PERMANECER QUANDO DESISTIR PARECIA UMA POSSIBILIDADE.....	30
4.4 A CHEGADA DA PATERNIDADE E A REORGANIZAÇÃO DAS PRIORIDADES	31
4.5 A CIRURGIA DO MEU FILHO: ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA	31
4.6 PERMANECER PARA TRANSFORMAR: A FORMAÇÃO COMO ATO DE RESISTÊNCIA.....	32
CAPÍTULO 5 – ENSINAR PARA PERMANECER PERTENCENDO: A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO DE RETORNO AO TERRITÓRIO	33
5.1 A FORMAÇÃO DOCENTE COMO CONTINUIDADE DA HISTÓRIA E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE.....	33
5.2 O ENCONTRO COM A DOCÊNCIA: DA MEMÓRIA DE ESTUDANTE À CONSTRUÇÃO DO PROFESSOR.....	34
5.3 A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO: QUANDO ENSINAR PASSOU A TER SIGNIFICADO	35
5.4 O RETORNO AO TERRITÓRIO: QUANDO O CONHECIMENTO VOLTA PARA A COMUNIDADE.....	36
5.5 ENSINAR PARA PERMANECER PERTENCENDO: O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO NA MINHA TRAJETÓRIA ..	38
CAPÍTULO 6 – ENTRE MEMÓRIAS E FUTUROS POSSÍVEIS: A EDUCAÇÃO COMO LEGADO PARA AS NOVAS GERAÇÕES	39
6.1 OLHAR PARA TRÁS: COMPREENDER A PRÓPRIA TRAJETÓRIA COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA	40
6.2 SER PROFESSOR QUILOMBOLA: IDENTIDADE, RESPONSABILIDADE E REPRESENTAÇÃO	41
6.3 A EDUCAÇÃO COMO HERANÇA: O LEGADO CONSTRUÍDO PARA A FAMÍLIA E PARA AS NOVAS GERAÇÕES	42
6.4 PERMANECER PERTENCENDO: A EDUCAÇÃO COMO COMPROMISSO COM O FUTURO.....	44
CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

A educação no campo é, antes de tudo, um reflexo das pessoas que vivem nela. Este trabalho nasce do meu desejo de organizar a minha própria trajetória como educador em Moju, no Pará, entendendo que a minha história de vida não está separada da minha atuação profissional. Ao escrever este memorial, o meu objetivo é olhar para o meu passado — desde a infância na comunidade do Baixo Poacê até a conclusão do meu curso de graduação na UFPA — não apenas para registrar o que aconteceu, mas para compreender como cada desafio e cada conquista ajudaram a moldar o profissional que sou hoje.

Para chegar a este resultado, utilizei a pesquisa autobiográfica como metodologia principal. Na prática, isso significou olhar para os meus próprios registros e memórias como fontes de estudo, cruzando o que vivi na pele com a teoria das Ciências Sociais e da Educação. O trabalho foi construído em etapas: primeiro, o resgate organizado das minhas lembranças; segundo, a análise crítica dessas vivências através de documentos pessoais; e, por fim, a reflexão sobre como esses dados revelam os entraves e as oportunidades de quem estuda e trabalha na educação pública da nossa região.

Os meus objetivos aqui são: quero examinar as barreiras que precisei superar para chegar ao ensino superior e mostrar como a minha formação na universidade deu novos significados à vivência que eu já trazia do campo. Não pretendo criar uma narrativa heroica, mas sim relatar de forma honesta como os obstáculos, as interrupções na minha caminhada e as escolhas que fiz foram fundamentais para a construção da minha identidade docente. É um exercício de olhar para trás para entender melhor os desafios que a nossa educação enfrenta atualmente em Moju.

A mensagem central deste memorial é que o conhecimento acadêmico, quando encontra a realidade do nosso território, ganha muito mais força. Quero deixar claro que o saber que a gente traz de casa e da convivência na comunidade tem o seu devido valor científico. Quando junto a minha vivência pessoal com o estudo teórico, defendo que a nossa realidade local não é um vazio, mas um campo riquíssimo de pesquisa. A ideia é mostrar que a educação no campo não se faz apenas com livros, mas com a bagagem de quem realmente vive e respira a realidade da nossa região.

Por fim, estruturei este trabalho como um convite ao diálogo sobre a valorização do educador que nasce e se forma dentro do seu próprio território. Ao compartilhar os

marcos da minha formação, reforço que a docência é um processo de construção constante e muito ligado as nossas raízes. Espero que este relato sirva para discutir a importância de termos profissionais mais conectados com o seu lugar de origem, reafirmando que o trabalho que faço em Moju é, acima de tudo, um compromisso com o desenvolvimento da nossa gente.

METODOLOGIA

Para realizar este trabalho, escolhi o caminho da pesquisa autobiográfica. A ideia é usar a minha própria história de vida para entender como me tornei o educador que sou hoje, conectando o que vivi com os conceitos que estudei na graduação. Acredito que olhar para o meu próprio percurso é a melhor forma de dar sentido crítico às experiências que acumularei até aqui.

1. Como estruturei a pesquisa: Este é um estudo de caráter pessoal e exploratório. Utilizo o relato em primeira pessoa para narrar minha caminhada, conectando os fatos da minha vida — como as questões geográficas e sociais — com a forma como tracei minha trajetória acadêmica e profissional dentro do contexto da educação no campo.

2. Como organizei as informações- para construir este memorial, apoiei-me em três frentes:

- **Memórias de vida:** O resgate das minhas lembranças de infância, dos obstáculos que encontrei para frequentar a escola e de como superei os desafios que surgiram ao longo do tempo.
- **Análise de documentos:** O uso de registros do meu arquivo pessoal para conferir veracidade e materialidade aos episódios que descrevo.
- **Apoio teórico:** A leitura e o diálogo com autores da área de Educação do Campo e Ciências Sociais, que me ajudam a olhar para a minha própria história sob uma lente mais científica.

3. O percurso da narrativa- dividi a exposição dos dados em etapas que refletem as fases da minha formação:

- **Primeiros passos:** O início do contato com a escola e as barreiras impostas pela distância e pela falta de estrutura no campo.
- **Obstáculos e dificuldades:** O momento em que o fluxo dos estudos foi interrompido pelos desafios da vida e pelas dinâmicas da pandemia.

- **O ingresso no ensino superior:** A trajetória até a aprovação e os processos educacionais existentes durante a graduação.
- **O retorno:** Os estudos na UFPA e as dinâmicas do curso de graduação que me possibilitaram retornar como educador e que consolidou minha trajetória.

Com esse formato, transformo minha vivência em um material de estudo, mostrando que o ensino é, na verdade, um ponto central para o desenvolvimento das comunidades rurais.

4. A visão sobre a educação do campo

Minha análise é guiada pelos princípios da Educação do Campo, que defende o valor do saber que vem da terra, mesmo diante das dificuldades de infraestrutura e localização. Por isso, enxergo este trabalho como um ato de consciência, onde a minha prática educativa se mistura com a resistência de quem vive e entende o campo.

PROBLEMÁTICA

O percurso de quem busca avanço na educação, originando-se em comunidades rurais da Amazônia, é um processo de constante enfrentamento contra limitações estruturais e sociais que tentam ditar quem pode ou não chegar ao ensino superior. Ao analisar minha própria caminhada em Moju, percebo que os obstáculos não foram eventos isolados, mas parte de uma realidade que impõe dificuldades severas àqueles que residem fora dos centros urbanos.

Diante desse cenário, esta investigação se propõe a debater as seguintes questões: Quais são os mecanismos de resistência utilizados por um estudante do campo para contornar a falta de suporte escolar e as instabilidades sociais que marcaram seu início de vida na licenciatura e na profissão? De que maneira a superação de episódios de exclusão educacional e a posterior formação superior na UFPA se tornam os elementos centrais para definir uma prática docente que não apenas ensina, mas que compreende e se integra à realidade de sua própria comunidade?

OBJETIVOS

1.Geral: Examinar o percurso da minha trajetória pessoal e acadêmica em Moju, identificando os fatores que influenciaram na minha formação e no desenvolvimento do meu trabalho na educação do campo.

2. Específicos

- **Descrever o contexto da formação inicial:** Relatar as condições de acesso à educação básica na zona rural, pontuando os desafios logísticos e sociais vivenciados ao longo desse período;
- **Analisar os processos de interrupção e continuidade:** Examinar os episódios que impactaram o fluxo dos estudos e os elementos que permitiram o retorno à vida escolar e a conclusão da graduação na UFPA;
- **Examinar o papel das redes de suporte:** Identificar como o apoio institucional, o contato com políticas públicas e o ambiente familiar contribuíram para o desenvolvimento da minha qualificação profissional;
- **Relacionar a vivência local com a prática docente:** Analisar como o conhecimento sobre a realidade do território de Moju fundamenta a minha atuação e a construção da minha identidade como educador.

CAPÍTULO 1 – RAÍZES, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE QUILOMBOLA

1.1 O início de uma trajetória construída pelo cuidado coletivo

As histórias de vida não começam quando entramos na escola ou na universidade. Muito antes disso, já somos marcados pelas pessoas que convivem conosco, pelos lugares onde crescemos e pelas experiências que vivenciamos em família e na comunidade. Quando olho para minha própria trajetória, percebo que foi justamente esse conjunto de vivências que começou a formar quem eu sou. Minha formação como pessoa e, mais tarde, como educador, teve início muito antes da vida acadêmica.

Meu nome é Alexandre Corrêa da Silva. Nasci em 27 de julho de 1997, no município de Abaetetuba, no Pará. No entanto, meu nascimento nesse município aconteceu por uma circunstância específica. Durante o parto, minha mãe teve complicações e precisou ser encaminhada para o Hospital Geral de Abaetetuba. Depois que nasci, enquanto ela permaneceu em Belém para receber os cuidados médicos necessários, voltei para casa com meu pai e meus avós, que passaram a cuidar de mim nos meus primeiros dias de vida.

Sempre que lembro dessa história, contada tantas vezes pela minha família, percebo que, desde o começo, nunca estive sozinho. Mesmo sem compreender o que acontecia ao meu redor, já era cercado pelo cuidado e pela dedicação de pessoas que fizeram de tudo para que eu tivesse um bom começo de vida. Esse apoio foi essencial e acabou marcando toda a minha trajetória.

Ao longo dos anos, fui entendendo que minhas conquistas nunca dependeram apenas do meu esforço. Elas também foram resultado da presença constante dos meus pais, dos meus avós, de outros familiares, de professores, amigos e das pessoas da comunidade onde cresci. Cada um contribuiu de alguma forma para minha formação. Antes de aprender os conteúdos ensinados na escola, aprendi em casa valores como respeito, responsabilidade, solidariedade e compromisso com o próximo. Foram esses ensinamentos que serviram de base para a pessoa que me tornei e, mais tarde, para o educador que escolhi ser.

1.2 A comunidade Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê como território de formação

Minha infância e boa parte da minha vida foram vividas na comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê. Sempre que lembro dessa

fase, é esse lugar que me vem primeiro à cabeça. Foi ali que cresci, fiz minhas primeiras amizades e aprendi muitas coisas que levo comigo até hoje.

As lembranças que tenho da comunidade não são só da paisagem ou das casas. O que mais me marcou foram as pessoas. Meus pais, meus avós, meus tios, meus primos, os vizinhos... todo mundo se conhecia e estava sempre por perto. Era comum passar o dia brincando com meus primos ou sair de casa e encontrar alguém para conversar. Na época eu nem dava importância para isso, porque era a vida que eu conhecia. Hoje vejo que essa convivência fazia toda a diferença.

Lá as pessoas tinham um costume muito bonito de ajudar umas às outras. Quando tinha uma festa, um casamento ou alguma programação da comunidade, ninguém precisava pedir ajuda. Cada família fazia o que podia. Uns levavam comida, outros ajudavam na organização, outros chegavam mais cedo para preparar tudo. Parecia uma coisa simples, mas era desse jeito que as coisas aconteciam.

As celebrações da Igreja Católica também marcaram bastante minha infância. As novenas, a festa de Nossa Senhora da Conceição, a Semana Santa e outras celebrações sempre reuniam muita gente. Eu gostava desses momentos porque, além da parte religiosa, era quando a comunidade se encontrava. Era uma oportunidade de rever parentes, conversar com os vizinhos e passar um tempo junto às pessoas.

Também lembro dos bailes, dos campeonatos de futebol e das festas que aconteciam durante o ano. Quando tinha alguma programação, praticamente todo mundo participava. Era um momento esperado por muita gente, principalmente porque servia para encontrar os amigos e colocar a conversa em dia. Hoje parece uma lembrança simples, mas na época esses encontros faziam parte da nossa rotina.

Quando eu era criança, achava que aquilo nunca ia mudar. Na minha cabeça as pessoas iam continuar morando ali, as festas iam acontecer todos os anos e a comunidade seria sempre daquele jeito. Com o tempo fui entendendo que a vida muda, as pessoas seguem caminhos diferentes e muita coisa acaba ficando só na lembrança. Mesmo assim, toda vez que volto lá ainda sinto que uma parte da minha história continua naquele lugar.

Foi vivendo nessa comunidade que aprendi algumas coisas que nenhum livro poderia ensinar. Aprendi a respeitar as pessoas, a dividir o que tinha, a entender que viver em comunidade também significa cuidar do outro. Naquela época eu não pensava nisso dessa forma, claro. Só mais tarde, já adulto e na universidade, consegui

perceber o quanto essas experiências influenciaram a pessoa que me tornei e, principalmente, o professor que escolhi ser.

1.3 Família, trabalho e educação: os primeiros ensinamentos sobre resistência

A minha formação também está profundamente relacionada à trajetória dos meus pais. Meu pai, José Maria da Silva, sempre teve sua história marcada pelo trabalho como pedreiro. Desde muito cedo precisou assumir responsabilidades profissionais, pois as condições familiares exigiam dedicação ao trabalho.

Minha mãe, Alexandra Corrêa da Silva, possui uma trajetória ligada à educação e ao serviço público. Inicialmente atuou como professora, posteriormente trabalhou em uma empresa de dendê no município de Moju e depois desenvolveu atividades relacionadas à assistência social.

As experiências dos meus pais foram fundamentais para a construção da minha visão sobre educação. Mesmo enfrentando dificuldades financeiras em determinados momentos, eles nunca permitiram que faltassem as condições básicas para minha formação. Eu nunca passei fome ou vivi uma situação em que a educação fosse abandonada por falta de prioridade.

Pelo contrário, meus pais sempre demonstraram que estudar deveria ser meu principal compromisso. Meu pai, especialmente, sempre deixou claro que desejava para mim uma oportunidade diferente daquela que ele teve. Como não conseguiu avançar nos estudos devido às dificuldades enfrentadas durante sua juventude, compreendia que a educação poderia abrir caminhos que ele não teve possibilidade de percorrer.

Essa percepção foi fundamental para minha construção enquanto estudante. Eu cresci compreendendo que estudar não era apenas uma obrigação escolar, mas uma oportunidade de transformação. Minha mãe também exerceu influência fundamental. Sua trajetória demonstrava que o trabalho e a educação poderiam caminhar juntos mesmo diante das dificuldades. Muitas vezes sua rotina era intensa, trabalhando durante o dia ou até mesmo em horários alternativos, mas ela sempre manteve a preocupação com minha formação.

Durante minha infância, não precisei trabalhar para ajudar financeiramente a família. Para meus pais, minha principal responsabilidade deveria ser estudar. Entretanto, desde cedo aprendi a colaborar com as atividades familiares.

Quando meu irmão de criação nasceu, eu tinha aproximadamente nove anos. Nesse período, passei a auxiliar nos cuidados da casa e na rotina familiar, pois minha mãe precisava trabalhar e meu pai permanecia grande parte do tempo fora devido ao trabalho.

Essas experiências contribuíram para minha formação pessoal. Aprendi responsabilidade, cuidado e compreensão sobre a importância de contribuir com aqueles que fazem parte da nossa vida.

1.4 As experiências da infância e os primeiros sinais da docência

Ao reconstituir as memórias de minha infância, percebo que alguns elementos já indicavam uma aproximação com a profissão que futuramente escolheria. Entre minhas brincadeiras favoritas estavam aquelas relacionadas ao ato de ensinar. Gostava de brincar de escola, organizar atividades e assumir o papel de professor. Naquele momento, essas ações eram apenas brincadeiras comuns de criança, mas hoje compreendo que elas representavam os primeiros sinais de uma identidade docente em construção.

Também gostava muito de ler, de ouvir música e de estar junto da família. A convivência com outras pessoas sempre foi algo muito presente na minha vida. Eu gostava da interação, da troca de experiências e da possibilidade de compartilhar conhecimentos. Essa característica permaneceu durante minha adolescência e posteriormente na universidade. A vontade de comunicar, organizar ideias e ensinar algo para outras pessoas esteve presente em diferentes momentos da minha trajetória.

Minha maior inspiração para a sala de aula veio da minha avó, uma das professoras mais antigas e reconhecidas do município de Moju. Observando sua atuação, compreendi que ser professor não era apenas transmitir conteúdos, mas estabelecer relações, inspirar pessoas e contribuir para transformar trajetórias. O universo da escola sempre exerceu fascínio sobre mim. O quadro, o giz, os livros e a dinâmica da sala de aula representavam algo que despertava minha curiosidade e admiração.

Imagem 1 — A influência familiar na construção da identidade docente do autor, a direita de calça verde, Maria Maciel Corrêa professora aposentada com mais de 35 anos de serviço na educação pública, a esquerda Juvencia da Costa Cardoso Maciel, primeira professora leiga do Baixo Poacê, avó e bisavó do autor respectivamente



Fonte: Acervo do autor

A imagem representa a relação entre memória familiar e formação profissional, evidenciando como experiências observadas desde a infância contribuíram para a construção do desejo de ser professor.

1.5 O território como origem da identidade docente

Hoje percebo que a minha formação como educador não começou quando entrei na universidade e nem quando passei a dar aulas. Ela começou muito antes, nas experiências que vivi com minha família e na comunidade Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê.

Foi ali que aprendi, ainda criança, a importância de respeitar as pessoas, dividir responsabilidades e entender que ninguém cresce sozinho. Esses ensinamentos vieram muito antes dos livros e acabaram fazendo parte da forma como vejo a educação.

Quando fui estudar em outros lugares, primeiro na escola da cidade e depois na universidade, não senti que estava deixando minhas origens para trás. Pelo contrário, foi nesse caminho que passei a valorizar ainda mais o lugar onde cresci e tudo o que aprendi nele.

A educação ampliou minha maneira de enxergar o mundo, mas sem apagar aquilo que vivi na comunidade. Aos poucos, fui percebendo que o conhecimento aprendido na universidade também podia conversar com os saberes que fazem parte da minha história.

Hoje entendo que a minha forma de ensinar é resultado dessa caminhada. Carrego comigo os valores que aprendi em casa, as experiências vividas na comunidade e tudo o que fui construindo ao longo da minha formação. Por isso, acredito que a educação não afasta ninguém das suas origens. Pelo contrário, ela nos dá condições de voltar ao nosso lugar com novos conhecimentos e contribuir com as pessoas que também fizeram parte da nossa história.

CAPÍTULO 2 – ENTRE CAMINHOS E DESAFIOS: ESCOLARIZAÇÃO, TERRITÓRIO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

2.1 O caminho até a escola: quando estudar significava atravessar distâncias

Minha relação com a escola começou cedo, mas estudar nunca foi tão simples quanto sair de casa e entrar na sala de aula. Como eu morava na comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê, precisava me deslocar todos os dias para ter acesso à educação. Isso acabou fazendo parte da minha rotina desde os primeiros anos de estudo.

Comecei minha vida escolar na Escola Santa Luzia, em uma comunidade próxima. Como ela não oferecia todas as etapas da educação básica, depois passei a estudar na Escola Gumercindo Rodrigues Pereira, na cidade de Moju. Assim como meus primos e muitos outros estudantes das comunidades rurais, precisei deixar o interior diariamente para continuar os estudos.

A rotina era cansativa. Quando estávamos na comunidade, o dia começava por volta das quatro e meia da manhã. Caminhávamos cerca de três quilômetros até a estrada principal para esperar o transporte que seguia para a cidade. A viagem durava aproximadamente uma hora, e esse percurso passou a fazer parte da minha vida durante vários anos.

Naquele período, entre 2004 e 2011, ainda não havia transporte escolar público atendendo a nossa realidade. Meus pais, assim como outras famílias da comunidade, precisavam pagar o transporte para que eu pudesse estudar. Hoje percebo o tamanho do esforço que eles faziam. Minha permanência na escola só foi possível porque eles acreditavam que a educação poderia abrir novas oportunidades.

Essa experiência me fez entender, ainda muito novo, que estudar exigia dedicação de toda a família. Antes mesmo de aprender os conteúdos da escola, aprendi o valor do compromisso, da persistência e do esforço coletivo. Mais tarde, já na universidade, ao conhecer os estudos da Educação do Campo, percebi que essa dificuldade não era apenas minha, mas fazia parte da realidade de muitos estudantes que vivem em comunidades rurais. Isso me ajudou a compreender melhor a importância de garantir uma educação que considere as condições e a realidade desses territórios.

Imagem 2 — A escola como espaço de transição entre o território comunitário e novas possibilidades de formação. E.M.E.F. Gumercindo Rodrigues Pereira – Moju/Pará



Fonte: Google Maps 2026

A fotografia representa uma etapa inicial da trajetória escolar do autor, marcada pelo ingresso em um ambiente urbano de ensino e pelos desafios enfrentados por estudantes oriundos de comunidades rurais.

2.2 A escola como espaço de formação, pertencimento e descoberta

Mesmo com todas as dificuldades para chegar à escola, esse sempre foi um lugar onde eu gostava de estar. Não era apenas o espaço de aprender os conteúdos das disciplinas. Foi também onde fiz amizades, participei de atividades e comecei a descobrir habilidades que, à época, eu nem imaginava que fariam parte da minha vida.

Durante o Ensino Fundamental, principalmente na Escola Antônio de Oliveira Gordo, passei a participar mais das atividades da escola e a perceber que aquele ambiente podia ir muito além da sala de aula. Essa escola tem um significado especial para mim porque foi onde minha avó também construiu sua trajetória como professora. Crescer vendo o respeito que ela conquistou como educadora fez com que eu

entendesse, desde cedo, que ensinar era muito mais do que explicar um conteúdo. Era acompanhar pessoas, orientar caminhos e fazer parte da história de muitos alunos.

Sem perceber, fui seguindo um pouco desse exemplo. Eu gostava de ajudar os colegas quando tinham alguma dificuldade, explicar conteúdos e participar das atividades que a escola promovia. Naquele momento eu fazia isso de forma natural, sem imaginar que, alguns anos depois, escolheria a docência como profissão.

Foi também nesse período que minha relação com os estudos ficou mais forte. Cada professor, cada disciplina e cada experiência despertavam em mim a vontade de aprender mais. Hoje entendo que a escola teve um papel importante nessa caminhada e percebi que a formação de um professor começa muito antes da universidade sendo que também acontece nas experiências de vida, nas pessoas que nos inspiram e nos caminhos que percorremos ao longo da vida.

Olhando para trás, vejo que a escola não foi apenas o lugar onde estudei. Foi onde comecei a construir, mesmo sem perceber, a vontade de ensinar e a compreender que a educação pode transformar a vida das pessoas, assim como transformou a minha.

2.3 O Ensino Médio: desafios, protagonismo e reconhecimento das minhas potencialidades

O Ensino Médio foi um período de muitas mudanças. Passei por dificuldades, enfrentei desafios e também vivi experiências que me ajudaram a amadurecer e a enxergar com mais clareza o que queria para o meu futuro. Comecei essa etapa na Escola Estadual Ernestina Pereira Maia, onde estudei em 2012 e 2013. Naquele período, a rede estadual enfrentava muitos problemas, inclusive uma longa paralisação das aulas, o que acabou afetando o aprendizado de muitos estudantes. Ao mesmo tempo, eu ainda estava me adaptando à rotina do Ensino Médio, que era bem diferente da que tinha vivido até então.

Nesse processo, acabei repetindo um ano. Na época foi difícil aceitar, mas hoje vejo que isso não definiu minha trajetória. Pelo contrário, acabou sendo um recomeço. Em 2014 fui transferido para a Escola Estadual Ecila Pantoja da Rocha, que havia sido inaugurada há pouco tempo. Como tudo ainda estava sendo organizado, nós, estudantes, tivemos a oportunidade de participar de várias decisões. Ajudei na criação da bandeira da escola, participei das discussões sobre o uniforme e o estatuto do

grêmio estudantil. Também tive a honra de fazer o discurso durante a inauguração da escola e participar do descerramento da placa inaugural, um momento que guardo com muito carinho.

Essas experiências mudaram a forma como eu enxergava a escola. Passei a entender que ela não era apenas um lugar para assistir às aulas, mas um espaço onde os estudantes também podiam participar, opinar e ajudar a construir a realidade ao seu redor. Mais tarde, durante a graduação, percebi que essa vivência dialogava com as ideias de Paulo Freire, autor estudado durante a graduação, defensor de uma educação baseada na participação e no diálogo.

Hoje vejo que foi nesse período que comecei a desenvolver características que mais tarde fariam parte da minha atuação como professor. Aprendi a assumir responsabilidades, trabalhar em grupo e acreditar que a educação também se constrói quando os estudantes têm voz e são convidados a participar.

Imagem 3 e 4 — Participação estudantil na construção da identidade de uma nova instituição escolar. Discurso na inauguração escolar e no cerramento da placa de inauguração em agosto de 2014



Fonte: Agência Pará

2.4 O encontro com as Ciências Humanas e o nascimento do sonho docente

Foi ainda no Ensino Médio que vivi uma das experiências que mais influenciaram minha escolha profissional: o contato com as Ciências Humanas. Lembro que, nas aulas de Sociologia, conheci o conceito de "fato social" e fiquei impressionado ao perceber que muitas situações do nosso dia a dia podiam ser compreendidas de outra forma. Passei a enxergar coisas que antes pareciam comuns com um olhar mais crítico.

A Sociologia despertou meu interesse porque falava de assuntos que faziam parte da minha realidade. As discussões sobre comunidade, cultura, família e sociedade tinham muito a ver com a história que eu havia vivido até ali. Pela primeira vez, senti que os estudos dialogavam diretamente com minhas experiências.

Foi nessa época que comecei a pesquisar mais sobre os cursos da área de Ciências Humanas e a pensar na possibilidade de entrar na universidade. Os professores sempre incentivavam a turma a sonhar com o vestibular, e foi assim que passei a conhecer melhor as oportunidades oferecidas pela Universidade Federal do Pará.

Alguns professores tiveram um papel muito importante nessa fase, principalmente o professor Roberto Melo, meu primeiro professor de Sociologia. A maneira como ele conduzia as aulas despertou ainda mais meu interesse pela área. Outros professores também me incentivavam, dizendo que eu tinha facilidade para explicar conteúdos, participar das atividades e ajudar os colegas quando tinham dúvidas.

Aos poucos, fui percebendo que aquele gosto por ensinar, que me acompanhava desde a infância, podia se transformar em profissão. Hoje vejo que foi na escola que essa ideia começou a ganhar força. Ela deixou de ser apenas o lugar onde eu estudava e passou a ser o espaço onde descobri que queria seguir o caminho da educação e, quem sabe, um dia voltar para contribuir com a comunidade onde tudo começou.

CAPÍTULO 3 – QUANDO O SONHO ENCONTROU A UNIVERSIDADE: A FORMAÇÃO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

3.1 A universidade como possibilidade construída pela trajetória

Entrar na universidade sempre foi um sonho, mas durante muito tempo parecia algo distante da minha realidade. Hoje percebo que essa conquista não foi apenas minha. Ela também é resultado do apoio da minha família, dos professores que fizeram parte da minha formação e da comunidade onde cresci, que sempre valorizou a educação como um caminho para construir novas oportunidades.

Desde criança eu gostava do ambiente escolar e, com o passar dos anos, esse interesse foi se transformando no desejo de ser professor. As brincadeiras de escola, a influência da minha avó, que também foi professora, e as experiências vividas no Ensino Médio fortaleceram essa vontade.

Foi nessa mesma época que a Sociologia despertou ainda mais meu interesse pelas Ciências Humanas. As discussões sobre sociedade, cultura e relações sociais faziam sentido para mim porque se aproximavam das experiências que eu havia vivido na comunidade. Aos poucos, comecei a pesquisar sobre os cursos da área e passei a enxergar a Universidade Federal do Pará como um objetivo possível.

Em 2016 surgiu uma oportunidade que mudou minha trajetória: o processo seletivo da Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais. Quando conheci o curso, tive a sensação de que ele dialogava diretamente com a minha história. Era uma formação voltada para estudantes vindos de comunidades rurais e tradicionais, valorizando suas experiências e seus modos de vida.

Foi nesse momento que a universidade deixou de ser apenas um sonho distante. Passei a enxergá-la como um espaço onde eu poderia ampliar meus conhecimentos sem deixar de lado minhas origens. Mais tarde, durante a graduação, compreendi que essa proposta estava muito próxima das ideias defendidas por Miguel Arroyo, autor que estudei na graduação, ao reconhecer que os saberes construídos nos territórios também fazem parte da formação de quem vive e estuda no campo.

3.2 A aprovação na UFPA: uma conquista individual e coletiva

O processo seletivo para a Licenciatura em Educação do Campo era diferente dos vestibulares tradicionais. Além das provas, era preciso comprovar o vínculo com comunidades quilombolas e participar de uma entrevista. Para mim, aquele processo

significava muito mais do que tentar uma vaga na universidade. Era a oportunidade de mostrar que minha história, minha vivência na comunidade e minha participação nas atividades da associação quilombola também tinham valor.

Durante a seleção, consegui a maior nota da redação, com 9,0 pontos, e minha trajetória na comunidade também foi considerada na avaliação. No fim do processo, fui aprovado em décimo lugar entre mais de mil candidatos inscritos.

Nunca esqueci o dia em que saiu o resultado. Por causa da ansiedade, procurei meu nome na parte errada da lista e, por alguns minutos, achei que não tinha conseguido. Quando olhei novamente, lá estava meu nome entre os primeiros colocados. Naquele momento, chorei e abracei minha mãe. Foi uma mistura de alívio, felicidade e gratidão que até hoje é difícil colocar em palavras.

A notícia se espalhou rápido. Meus familiares, os amigos e as pessoas da comunidade comemoraram como se a conquista fosse de todos, e de certa forma era mesmo. Muitas pessoas fizeram parte daquele caminho e eu sabia que não tinha chegado até ali sozinho.

Hoje, quando lembro desse momento, reflito que entrar na universidade representou muito mais do que conquistar uma vaga. Foi a confirmação de que todo o esforço da minha família, os desafios enfrentados para estudar e as experiências vividas na comunidade tinham valido a pena. Mais tarde, durante a graduação, compreendi que essa experiência também dialogava com o pensamento de Paulo Freire, ao mostrar que a educação se constrói nas relações, no apoio mútuo e na caminhada compartilhada.

3.3 O encontro com a universidade e os novos desafios

Entrar na universidade foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Eu estava feliz por ter conquistado a vaga, mas também sentia medo e insegurança. Nunca tinha entrado em uma universidade antes e tudo ali era novidade para mim.

Quando cheguei ao campus da UFPA, em Abaetetuba, pela primeira vez, tive a sensação de que não estava realizando apenas um sonho pessoal. Pensava muito na minha família e nas pessoas da comunidade que não tiveram a oportunidade de chegar até aquele espaço. De certa forma, sentia que carregava comigo um pouco da história de cada uma delas.

Uma lembrança desse primeiro dia nunca saiu da minha memória. Assim que cheguei ao campus, perguntei a um homem que passava por onde ficava a sala de

aula e se as atividades realmente começariam naquele dia. Ele respondeu com muita tranquilidade e me mostrou o caminho. Minutos depois, ao entrar na sala, descobri que aquela mesma pessoa era o professor da primeira disciplina que cursei na universidade, o professor Lívio Sérgio Dias Claudino, responsável pela disciplina Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável. Até hoje lembro dessa situação com carinho, porque ela marcou o início de uma nova etapa da minha vida.

Mas, junto com a realização desse sonho, vieram novos desafios. Eu não tinha condições de morar em Abaetetuba e precisava fazer o percurso entre a comunidade, Moju e o campus todos os dias. Eram quatro viagens de ônibus diariamente, uma rotina cansativa e que exigia muito esforço, tanto físico quanto financeiro.

Foi nesse período que entendi que entrar na universidade era apenas o primeiro passo. Permanecer nela exigia organização, apoio da família e muita dedicação. Mais tarde, durante a graduação, percebi que essa também era a realidade de muitos colegas vindos de comunidades rurais e tradicionais, o que reforçou em mim a reflexão sobre a importância das políticas de permanência para garantir que o acesso ao ensino superior realmente se transforme em oportunidade.

3.4 A Licenciatura em Educação do Campo: formação entre universidade e comunidade

A Licenciatura em Educação do Campo foi diferente de tudo o que eu imaginava quando entrei na universidade. Logo nos primeiros períodos percebi que o curso não tratava a comunidade apenas como um lugar de origem dos estudantes, mas como um espaço de aprendizagem. Isso fez muito sentido para mim, porque eu nunca consegui separar o que aprendia na universidade das experiências que trazia da minha comunidade.

Essa proposta acontecia por meio do Tempo Universidade e do Tempo Comunidade. Enquanto um momento era dedicado às aulas, às leituras e às discussões com os professores, o outro permitia voltar para a comunidade e perceber como aquele conhecimento fazia sentido na prática. Aos poucos, fui entendendo que um complementava o outro.

Foi durante a graduação que passei a olhar para minha própria história de outra maneira. Muitos temas estudados nas disciplinas de Sociologia e Geografia me faziam lembrar das experiências vividas na comunidade, das relações entre as famílias, da cultura local e da forma como as pessoas organizavam a vida em coletivo. Eu deixei

de enxergar essas vivências apenas como lembranças da infância e comecei a reconhecê-las também como parte da minha formação.

Nesse caminho, tive professores que marcaram minha trajetória, entre eles a professora Deusa Maria, que acompanhou nossa turma durante boa parte do curso. Além do conhecimento que compartilhava, sempre manteve uma relação de respeito e diálogo com os estudantes, tornando-se uma referência importante para mim.

Também fui descobrindo, pouco a pouco, características que mais tarde fariam parte da minha atuação como professor. Nos trabalhos em grupo quase sempre ficava responsável pelas apresentações, gostava de organizar as atividades da turma e tive a oportunidade de atuar como representante dos colegas. Hoje percebo que essas experiências fortaleceram minha confiança e minha capacidade de dialogar com as pessoas.

Quando olho para esse período, vejo que a universidade fez muito mais do que me preparar para exercer uma profissão. Ela me ajudou a compreender melhor a minha própria história e fortaleceu uma vontade de ensinar que já vinha sendo construída desde a infância.

Imagem 5 — Participação em roda de conversa como discente quilombola realizada pela turma de Letras da UEPA Moju 2017, o autor no centro de vestimenta preta



Fonte: Arquivo do autor

3.5 Formar-se professor sem abandonar as próprias raízes

A universidade mudou minha forma de entender a educação. Antes, eu queria ser professor porque admirava a profissão e tinha o exemplo da minha avó. Com o passar da graduação, percebi que ensinar também significa assumir um compromisso com as pessoas, com a comunidade e com a realidade de cada estudante.

A Educação do Campo me fez compreender que ninguém chega à sala de aula trazendo apenas os conhecimentos dos livros. Cada aluno carrega sua própria história, sua cultura e as experiências do lugar onde vive. Essa percepção também me fez olhar para minha própria trajetória com outros olhos.

Passei a valorizar ainda mais a comunidade onde cresci, minha família e todos aqueles que contribuíram para que eu chegasse até ali. A universidade não me afastou das minhas origens. Pelo contrário, ajudou a entender que elas fazem parte da minha identidade e da forma como escolhi exercer a docência.

Hoje acredito que estudar não significa deixar para trás o lugar de onde viemos. Significa voltar para ele com novos conhecimentos, novas experiências e com o desejo de contribuir para que outras pessoas também tenham oportunidades de construir suas próprias histórias.

CAPÍTULO 4 – ENTRE INTERRUPÇÕES E RESISTÊNCIAS: PANDEMIA, DESAFIOS FAMILIARES E A PERMANÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

4.1 A formação interrompida: quando a universidade precisou encontrar novos caminhos

Minha trajetória na universidade foi marcada por muitas mudanças, mas nenhuma delas teve um impacto tão grande quanto a pandemia da COVID-19. Até então, a formação acontecia principalmente na convivência com os professores, com os colegas e nas atividades desenvolvidas entre o Tempo Universidade e o Tempo Comunidade. Grande parte do aprendizado surgia dessas trocas.

Com a suspensão das aulas presenciais, foi preciso adaptar a rotina ao ensino remoto. Para mim, essa mudança significou aprender uma nova forma de estudar. Como morava na zona rural, o acesso à internet nem sempre era estável, o que exigia organização e, muitas vezes, paciência para conseguir acompanhar as atividades.

Apesar das mudanças, procurei manter o ritmo da graduação. Aos poucos, fui me adaptando às ferramentas digitais e encontrando maneiras de continuar os estudos. Foi um período diferente, que exigiu flexibilidade de estudantes, professores e da própria universidade.

Essa experiência ampliou minha compreensão sobre a educação. Passei a perceber que cada estudante vive uma realidade diferente e que essas diferenças também precisam ser consideradas nos processos de ensino. Mais do que enfrentar dificuldades, aquele período me ensinou a buscar alternativas, adaptar rotinas e seguir em frente mesmo diante de situações inesperadas.

4.2 A ausência da universidade física e os desafios da aprendizagem remota

Antes da pandemia, a universidade era o principal espaço onde eu conseguia organizar minha rotina de estudos. A biblioteca da UFPA, em especial, fazia parte do meu cotidiano acadêmico, sendo um local onde eu realizava pesquisas, produzia trabalhos e tinha acesso aos materiais necessários para a graduação.

Com a suspensão das atividades presenciais, precisei reorganizar minha forma de estudar. A rotina em casa era diferente e exigia novas estratégias. O acesso à internet nem sempre era estável e, naquele momento, eu também não possuía notebook, utilizando principalmente o celular para acompanhar as aulas e realizar as atividades.

Apesar das limitações, procurei continuar acompanhando o curso. Algumas tarefas que antes eram simples passaram a exigir mais organização, principalmente pela dificuldade de acessar materiais, participar das aulas e enviar trabalhos. Foi necessário aprender a lidar com uma nova realidade de estudos.

Essa mudança também afetou uma característica importante da Educação do Campo, que sempre valorizou o encontro, a troca de experiências e a relação entre universidade e comunidade. A adaptação para o ensino remoto alterou uma dinâmica que fazia parte da identidade do curso.

Os professores buscaram alternativas para tornar esse período mais possível para os estudantes, com maior flexibilidade nas atividades e compreensão das diferentes realidades. Mesmo assim, não foi um momento fácil. Aos poucos, percebi que manter o mesmo ritmo de antes exigia um esforço maior e uma reorganização constante.

Esse período foi um dos momentos mais desafiadores da minha formação. Mais do que uma dificuldade acadêmica, foi uma experiência que me ensinou sobre adaptação, persistência e a importância de encontrar novos caminhos diante das mudanças.

4.3 O momento da dúvida: permanecer quando desistir parecia uma possibilidade

Durante a pandemia, houve um momento em que pensei seriamente em parar a graduação. Não era porque eu tinha deixado de querer ser professor ou porque a universidade já não fazia sentido para mim. O problema era que, naquele período, eu comecei a me perguntar se realmente conseguiria continuar diante de tantas mudanças.

De uma hora para outra, a rotina que eu tinha construído desapareceu. Antes, eu estava na universidade, encontrava meus colegas, conversava com os professores e participava das atividades do curso. Depois, tudo passou a acontecer por uma tela, dentro de casa, em uma realidade completamente diferente.

Foi um período em que precisei repensar muita coisa. Eu percebi que continuar na universidade não dependia somente da vontade de estudar. Era preciso organização, apoio e também lembrar dos motivos que me fizeram chegar até ali.

Nesse momento, as conversas com os colegas fizeram diferença. Mesmo à distância, o incentivo entre nós ajudava a manter a turma unida e a lembrar que todos estavam passando por dificuldades semelhantes.

Também comecei a pensar em toda a minha caminhada até aquele ponto. Lembrei da minha família, da comunidade onde cresci, dos anos de deslocamento para estudar e de tudo que precisei construir para chegar à UFPA. Percebi que aquele curso representava muito mais do que uma formação profissional.

No fim, continuar foi uma escolha de acreditar na minha própria história. Aquele período me mostrou que a caminhada na educação nem sempre acontece como planejamos, mas que é possível encontrar forças para seguir quando lembramos do motivo pelo qual começamos.

4.4 A chegada da paternidade e a reorganização das prioridades

Enquanto eu vivia os desafios da graduação e da pandemia, outro acontecimento mudou completamente minha forma de enxergar a vida: o nascimento do meu primeiro filho, Lucas Lauan, em novembro de 2019. A chegada dele trouxe uma responsabilidade que eu ainda não conhecia. Até aquele momento, grande parte das minhas escolhas estavam ligadas à construção da minha formação e do meu futuro profissional. Com a paternidade, passei a perceber que minhas decisões também tinham relação com a vida e o futuro de outra pessoa.

Pouco tempo depois do seu nascimento, surgiram algumas preocupações relacionadas à sua saúde, o que nos levou a uma rotina de consultas, acompanhamentos e busca por respostas. Foi um período que exigiu muita organização da família e mudanças na nossa rotina.

Essa fase aconteceu justamente quando eu também enfrentava as mudanças provocadas pela pandemia e as dificuldades para continuar a graduação. Conciliar os estudos, as responsabilidades familiares e os demais compromissos nem sempre foi simples. Em alguns momentos, precisei reorganizar prioridades e dedicar mais atenção à minha família. A chegada dos meus filhos mudou o significado da minha formação. Antes, concluir a universidade representava a realização de um sonho pessoal. Depois, passou a representar também a construção de um exemplo para eles. Eu queria mostrar, através da minha própria história, que a educação pode abrir caminhos e transformar trajetórias.

4.5 A cirurgia do meu filho: entre o medo e a esperança

O momento que mais marcou essa fase aconteceu em 2025, quando finalmente chegou o dia da cirurgia do meu filho. Depois de anos de consultas, exames e idas atrás de atendimento, conseguimos realizar o procedimento pelo sistema público de saúde no Hospital Materno Infantil.

Naquele dia eu fui sozinho com ele. Chegamos cedo ao hospital e passamos algumas horas esperando. Eu tentava manter a calma, mas é difícil não pensar em tudo que aconteceu até chegar aquele momento. Vieram à minha cabeça as viagens, as preocupações, as incertezas e também a esperança de que tudo desse certo.

Quando levaram meu filho para a cirurgia, fiquei aguardando as notícias da equipe médica. Foi um daqueles momentos em que a gente percebe como algumas

situações mudam nossa forma de enxergar a vida. Eu não estava pensando em universidade, trabalho ou qualquer outra coisa. Minha atenção estava totalmente voltada para ele.

Quando recebi a notícia de que o procedimento tinha acontecido bem, senti um alívio que é difícil explicar. Naquele instante, percebi que toda a caminhada tinha valido a pena.

Essa experiência me ensinou que a persistência não aparece somente nos grandes objetivos que buscamos, como uma formação ou uma carreira. Ela também está presente nas responsabilidades que assumimos pelas pessoas que amamos e nas escolhas que fazemos todos os dias.

A experiência como pai fortaleceu características que também são fundamentais para a docência: paciência, empatia, responsabilidade e capacidade de compreender as dificuldades do outro.

4.6 Permanecer para transformar: a formação como ato de resistência

Quando penso nesse período da minha vida, percebo que a pandemia e os desafios familiares não foram apenas momentos difíceis. Eles também me ensinaram muito sobre responsabilidade, adaptação e sobre a importância de continuar mesmo quando as coisas não acontecem como planejamos.

Minha formação como professor não aconteceu somente nas salas da universidade. Ela também foi construída nas experiências fora dela, na convivência com minha família, nas responsabilidades que assumi e nas escolhas que precisei fazer ao longo do caminho.

Durante esse período, entendi ainda mais que um professor não é formado apenas pelos conteúdos que aprende. Cada educador carrega uma história, experiências e vivências que influenciam a forma como olha para seus alunos e para a educação.

Continuar na graduação significou muito mais do que concluir um curso. Representou seguir um caminho que começou na minha infância, nas brincadeiras de escola, na admiração pela minha avó professora e no desejo de um dia também ensinar.

Hoje vejo que minha formação docente carrega um pouco de tudo que vivi: minha família, minha comunidade, meus professores e as experiências que me fizeram chegar até aqui.

CAPÍTULO 5 – ENSINAR PARA PERMANECER PERTENCENDO: A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO DE RETORNO AO TERRITÓRIO

5.1 A formação docente como continuidade da história e fortalecimento da identidade

Quando penso na minha identidade como professor, percebo que ela não começou na universidade e nem no momento em que entrei pela primeira vez em uma sala de aula como educador. Ela foi sendo construída aos poucos, nas experiências que vivi com minha família, na comunidade onde cresci, na escola e nas pessoas que fizeram parte da minha caminhada.

Antes de entender a educação como profissão, eu já convivía com ela de outras formas. Aprendi dentro de casa, com os ensinamentos da minha família, e na comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê, onde compreendi desde cedo a importância de ajudar, compartilhar e viver em conjunto.

Meus pais sempre acreditaram que a educação poderia abrir caminhos. Mesmo tendo enfrentado dificuldades em suas próprias histórias, eles sempre incentivaram a mim e aos meus irmãos a valorizar os estudos. Meu pai, principalmente, carregava o desejo de que os filhos tivessem oportunidades que ele não conseguiu ter. Minha mãe também sempre demonstrou, através da sua trajetória, a importância do conhecimento e do cuidado com as pessoas.

Durante a graduação em Educação do Campo, comecei a compreender que estudar não significava deixar minhas origens para trás. Pelo contrário, quanto mais aprendia, mais percebia o valor da comunidade onde cresci e das experiências que fizeram parte da minha formação. A proposta da Educação do Campo foi importante justamente por mostrar que os conhecimentos das comunidades também possuem valor. A universidade não deveria afastar os estudantes de seus territórios, mas oferecer ferramentas para que eles pudessem compreender melhor suas realidades e contribuir com elas.

Ao longo da graduação, passei a olhar para minha própria história de outra maneira. Aquilo que antes eu via apenas como parte da minha vida cotidiana — as relações familiares, as tradições, a organização da comunidade e os saberes

compartilhados entre as pessoas — passou a ser reconhecido também como conhecimento.

Hoje compreendo que minha formação docente não representa uma quebra com minha história. Ela é uma continuação dela. A educação ampliou minha visão de mundo, mas também me ajudou a valorizar ainda mais o lugar de onde vim e as pessoas que fizeram parte da minha caminhada.

5.2 O encontro com a docência: da memória de estudante à construção do professor

Embora a universidade tenha sido importante para minha formação, minha aproximação com a docência começou muito antes de receber o diploma. Aos poucos, fui percebendo que o desejo de ensinar já fazia parte da minha história, aparecendo nas experiências que tive desde a infância.

Quando era criança, gostava das brincadeiras de escola, de explicar conteúdos para outras pessoas e de organizar atividades. Naquele momento eu não imaginava que essas atitudes poderiam ter relação com a profissão que escolheria no futuro. Além disso, sempre tive a influência da minha avó, que dedicou muitos anos ao magistério e foi uma grande referência para mim sobre o significado de ser professora.

Minha primeira experiência mais próxima da sala de aula aconteceu em 2017, durante a graduação. Na disciplina Filosofia da Educação, o professor Haroldo Bentes propôs uma atividade que deveria ser realizada em uma escola. Escolhi a Escola Antônio de Oliveira Gordo, um lugar que já fazia parte da minha história por estar ligado à trajetória profissional da minha avó.

O que seria apenas um trabalho da universidade acabou abrindo uma nova oportunidade. A escola conheceu a atividade desenvolvida e surgiu o convite para que eu continuasse participando de outros projetos. Assim, comecei a atuar no programa Mais Educação e, depois, na sala de leitura da instituição.

Essa experiência teve um significado especial porque aconteceu justamente em um espaço onde minha avó também havia construído sua história como educadora. Estar naquele ambiente, agora como alguém que contribuía com os estudantes, trouxe uma sensação de continuidade entre gerações.

Mesmo sem ter iniciado com uma contratação formal, aquele período foi fundamental para minha aprendizagem. Foi ali que comecei a entender, na prática, os

desafios e as responsabilidades da profissão: planejar atividades, lidar com diferentes estudantes e perceber que ensinar envolve muito mais do que transmitir conteúdo.

Hoje compreendo que minha formação como professor foi sendo construída em vários momentos da minha vida. Ela começou na família, na comunidade, nas escolas onde estudei e nas experiências em que tive a oportunidade de ensinar e aprender com outras pessoas.

5.3 A sala de aula como espaço de transformação: quando ensinar passou a ter significado

Em 2019, surgiu a oportunidade de atuar oficialmente como professor contratado pela Prefeitura Municipal de Moju. Aquele momento teve um significado muito especial para mim, pois representava a realização de algo que vinha sendo construído desde a infância. O menino que brincava de escola, que admirava a trajetória da minha avó e que passou por diferentes etapas até chegar à universidade agora estava entrando em uma sala de aula como professor.

Minha primeira aula aconteceu em uma escola que fazia parte da minha própria história como estudante. O tema trabalhado foi “como identificar temas científicos”, em uma turma do nono ano. Havia uma expectativa natural por ser a primeira vez assumindo aquela responsabilidade, mas, ao entrar na sala, tive a sensação de estar retornando a um espaço que já conhecia.

Naquele momento, percebi que eu não chegava sozinho. Comigo estavam as experiências da minha família, dos meus professores, da comunidade onde cresci e de todos os caminhos que me trouxeram até ali.

Com o passar do tempo, fui entendendo que ser professor vai muito além de ensinar conteúdos. A sala de aula é formada por pessoas com histórias, dificuldades e sonhos diferentes. Talvez por ter vivido uma trajetória parecida com a de muitos estudantes, consegui olhar para eles de uma maneira mais próxima.

Eu sabia o que significava depender de transporte para estudar, enfrentar limitações e conciliar diferentes situações para permanecer na escola. Isso me ajudou a compreender que algumas dificuldades dos alunos não estavam relacionadas à falta de interesse ou capacidade, mas às condições que faziam parte das suas vidas.

Essa noção orientou minha prática docente que procurei construir uma relação mais próxima com os estudantes, entendendo que ensinar também envolve ouvir, dialogar e reconhecer a realidade de cada pessoa.

5.4 O retorno ao território: quando o conhecimento volta para a comunidade

O retorno à comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê e a associação quilombola Yorubá de Santa Luzia representa uma das partes mais importantes da minha formação. Tudo aquilo que conquistei ao longo do caminho teve a participação de muitas pessoas: minha família, meus professores e a própria comunidade onde cresci.

Por isso, voltar para esse território nunca foi visto por mim como uma obrigação. Sempre compreendi como uma forma de retribuir tudo aquilo que também fez parte da minha construção. A educação que recebi ganhou ainda mais sentido quando pude compartilhar conhecimentos e experiências com outras pessoas da comunidade.

Nas atividades, palestras e ações educativas realizadas junto à comunidade e à associação quilombola, percebi que o conhecimento adquirido na universidade não deveria ficar limitado aos espaços acadêmicos. Ele precisava estar presente nas conversas, nas práticas e nas necessidades das pessoas que fazem parte daquele lugar. Exemplo disso foi a oficina ocorrida em 22 de novembro de 2024 onde sob minha responsabilidade estava dialogar com os moradores das comunidades que compõem a associação as práticas e memoriais que ajudasse a reconstruir a histórias das comunidades e das pessoas que nela construíram seu viver, por meio de análise de história oral, verificação e organização de datas e linhas do tempo e demais mecanismos obtidos durante a graduação em educação do campo.

Imagens 7 e 8 — Oficina do mapeamento dos saberes da associação quilombola, organizada pelo autor



Fonte: Arquivo do autor

Quando volto para a comunidade, não penso que estou levando conhecimento para um lugar onde ele não existe. Na verdade, aprendi que a comunidade sempre teve seus próprios saberes. Eles estão nas histórias contadas pelos mais velhos, nas tradições, nas famílias e na forma como as pessoas aprenderam a viver e se organizar juntas.

A universidade me ajudou a olhar para essa realidade com outros conhecimentos e outras ferramentas, mas ela também me fez valorizar ainda mais aquilo que eu já tinha aprendido dentro da comunidade.

Uma das coisas que mais marcou minha formação na Educação do Campo foi entender que estudar não precisa significar se afastar das nossas origens. O conhecimento adquirido fora pode voltar para o lugar de onde viemos e se juntar aos saberes que já existem ali.

Hoje, quando retorno como professor, percebo que minha própria história pode incentivar outras pessoas. Um jovem da comunidade olhar e perceber que alguém que cresceu no mesmo lugar conseguiu chegar à universidade e construir uma profissão mostra que esse caminho também pode ser possível para ele.

Imagem 9 — Reunião de organização do calendário das comunidades eclesiais de base o setor católico



Fonte: Arquivo do autor

5.5 Ensinar para permanecer pertencendo: o significado da educação na minha trajetória

Olhando pra minha caminhada, percebo que a educação nunca foi apenas uma forma de construir uma profissão. Ela esteve ligada à minha história, às pessoas que fizeram parte dela e ao lugar onde aprendi meus primeiros valores.

Estudar não significou deixar minhas origens para trás. Pelo contrário, quanto mais conhecia outros espaços, mais entendia a importância da comunidade onde cresci e de tudo aquilo que aprendi nela.

A universidade trouxe novos conhecimentos e novas oportunidades, mas também me ajudou a valorizar ainda mais minha própria história.

Hoje consigo perceber uma ligação entre todos os momentos que vivi: a criança que brincava de escola na comunidade, o estudante que enfrentava longos caminhos para estudar, o universitário que buscava seu espaço na UFPA e o professor que agora retorna para ensinar.

No fim, minha formação não representa uma mudança de caminho, mas a continuidade de uma história que começou muito antes da universidade.

Imagem 10 — Pausa durante a aula de estudos amazônicos na E.M.E.F. Sebastião Barbosa Lima, zona rural de Moju



Fonte: Arquivo do autor

Quando olho para tudo que vivi, percebo que nada aconteceu separado. Cada fase da minha vida foi construindo a pessoa e o professor que sou hoje. A educação me permitiu conhecer outros lugares, aprender coisas novas e ocupar espaços que antes pareciam distantes. Mas, ao mesmo tempo, ela também me fez entender ainda mais o valor da minha história, da minha família e da comunidade onde cresci.

Eu nunca enxerguei o estudo como uma forma de deixar minhas origens para trás. Pelo contrário, quanto mais eu aprendia, mais percebia a importância de tudo aquilo que já fazia parte da minha vida. Ser professor, para mim, também é uma forma de continuar ligado ao lugar onde fui formado. É carregar comigo as pessoas que acreditaram em mim e tentar fazer com que outros também percebam que novos caminhos podem existir.

Hoje vejo minha trajetória como uma estrada de ida e volta. Eu fui em busca de conhecimento, conheci novos espaços e vivi novas experiências, mas voltei sem deixar para trás aquilo que sempre fez parte de mim. A minha formação como professor nasceu justamente desse encontro: entre o que aprendi pelo caminho e tudo aquilo que trouxe comigo desde a comunidade.

CAPÍTULO 6 – ENTRE MEMÓRIAS E FUTUROS POSSÍVEIS: A EDUCAÇÃO COMO LEGADO PARA AS NOVAS GERAÇÕES

Escrever este memorial foi uma forma de voltar para muitos momentos da minha vida que, com o passar dos anos, ficaram guardados na memória. Ao lembrar da minha infância na comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê, dos anos de escola, da chegada à universidade e do início da minha vida como professor, percebi que todos esses momentos estão ligados de alguma maneira.

Quando olho para trás, vejo que eu não cheguei até aqui sozinho. Muitas pessoas fizeram parte desse caminho. Minha família, meus professores, meus amigos e minha comunidade estiveram presentes em diferentes momentos e ajudaram a construir a história que hoje conto. Durante muito tempo, pensei na educação como uma oportunidade de mudar de vida. E ela realmente abriu portas para mim. Mas, com o passar dos anos, percebi que estudar não significava deixar para trás aquilo que eu era ou o lugar de onde vim. Pelo contrário, quanto mais conhecia outros espaços, mais valorizava minha própria história.

A universidade me ensinou muitas coisas, mas também me fez enxergar com outros olhos aquilo que eu já tinha aprendido na comunidade. Os ensinamentos da minha família, a convivência com as pessoas mais velhas, as tradições e a forma de viver daquele lugar também foram importantes para minha formação.

Como lembra Paulo Freire (1996), a educação acontece quando conseguimos relacionar o conhecimento com a realidade em que vivemos. Essa ideia faz muito sentido para mim, porque minha caminhada só ganhou sentido quando percebi que aquilo que aprendi poderia continuar ligado às minhas origens.

Ao escrever essas páginas, também percebi que uma história nunca é construída por uma única pessoa. Existem muitas mãos, muitas palavras de incentivo e muitos gestos que ajudam alguém a chegar onde chegou. Por isso, os depoimentos apresentados a seguir representam um pouco das pessoas que fizeram parte da minha caminhada. São lembranças e vozes que mostram que, antes de ser uma conquista individual, minha história sempre foi construída junto com outras pessoas.

6.1 Olhar para trás: compreender a própria trajetória como construção coletiva

"Meu filho, eu sempre falei pros meus alunos: estudem, porque o estudo ninguém tira de vocês. A vida da gente passa por tanta coisa, mas o que a gente aprende fica pra sempre. Eu já vi tanto menino e tanta menina crescer, virar gente de bem, formar família, arrumar um trabalho... isso é uma alegria que nem dá pra explicar. Quando encontro um deles e vejo que tá bem na vida, eu fico toda feliz. A gente pensa que fez um pouquinho da nossa parte, né? E isso já vale uma vida inteira de professora"(Maria Maciel Corrêa – Avó do autor, professora aposentada das redes municipal e estadual).

As palavras que escrevi acima poderiam muito bem ter surgido em uma conversa qualquer no fim da tarde, na casa da minha avó. Foi ali, convivendo com ela e observando sua relação com as pessoas, que comecei a entender, mesmo sem perceber, o que era ensinar. Eu via o carinho e o respeito que as pessoas tinham por ela. Não era apenas porque ela tinha sido professora por muitos anos, mas porque ela sempre estava disposta a ajudar, conversar e acolher quem precisava. Antes mesmo de pensar em ser professor, eu já tinha essa referência dentro da minha própria família.

Quando penso na minha história, percebo que muita coisa que aprendi não veio dos livros. Veio das conversas em casa, dos conselhos dos meus pais, das histórias dos meus avós e da convivência com a comunidade. Foi naquele lugar que aprendi coisas que carrego até hoje: respeitar as pessoas, valorizar a união e entender que ninguém caminha sozinho.

Uma palavra que aparece muito neste memorial é pertencimento. Talvez porque ela sempre esteve presente na minha vida. Mesmo quando precisei sair da comunidade para estudar, nunca senti que estava deixando aquele lugar para trás. Eu sabia que estava indo buscar algo novo, mas também sabia que minhas raízes continuavam ali.

Hoje, olhando para minha caminhada, consigo perceber que muitos momentos que pareciam separados fazem parte da mesma história. A infância na comunidade, os caminhos para chegar à escola, a entrada na universidade, os desafios que enfrentei e a chegada à sala de aula foram construindo, aos poucos, quem eu sou.

E, quando penso em tudo isso, também lembro das pessoas que estiveram comigo. Meu pai, mesmo sem ter tido as mesmas oportunidades de estudo, sempre acreditou que a educação poderia mudar a vida dos filhos. Minha mãe fez o possível para que nunca faltasse apoio para continuarmos estudando. Minha avó mostrou, através da própria vida, o valor de ser professora. Meus professores ajudaram a enxergar possibilidades que muitas vezes eu ainda não conseguia ver.

Por isso, quando comecei a dar aula, percebi que aquela história não era apenas sobre mim. Eu carregava comigo um pouco de cada pessoa que fez parte da minha caminhada. Hoje vejo a educação de uma forma diferente. Ela não é somente o trabalho que escolhi fazer. Ela é também uma forma de continuar ligado à minha história e às pessoas que ajudaram a construir o caminho que me trouxe até aqui.

6.2 Ser professor quilombola: identidade, responsabilidade e representação

"Olha, eu não estudei muito não, aprendi mais foi com a vida mesmo. Mas uma coisa eu sei: quando alguém da comunidade consegue estudar e depois volta para ajudar o nosso povo, a gente fica feliz, porque vê que todo esforço valeu a pena. Às vezes a pessoa precisa sair para buscar uma oportunidade. O importante é não esquecer de onde veio. Quando volta, participa, conversa com o pessoal e ajuda a comunidade, estudar não faz ninguém deixar de ser quilombola. Pelo contrário, ajuda a gente a conhecer melhor nossos direitos" (Raimundo Sidney Rodrigues – presidente da Associação Remanescente de Quilombos Yorubá de Santa Luzia).

Esse depoimento representa algo que fui entendendo ao longo da minha caminhada: o estudo faz ainda mais sentido quando ele consegue retornar para o lugar de onde viemos. Durante muito tempo, para muitas pessoas das comunidades quilombolas, estudar significava sair em busca de oportunidades. Na minha história, porém, percebi que a educação não precisava me afastar das minhas raízes. Quanto mais eu aprendia, mais vontade eu tinha de continuar ligado à minha comunidade.

Ao entrar na Licenciatura em Educação do Campo, comecei a enxergar a educação de outra forma. Entendi que ser professor não era apenas ensinar conteúdos, mas também conhecer as histórias, os valores e os saberes que cada comunidade já possui.

Durante a graduação, principalmente nas atividades do Tempo Comunidade, percebi que a universidade não vinha para substituir o conhecimento da comunidade. Ela vinha para dialogar com ele. Muitas coisas que estudávamos já faziam parte da vida das pessoas, apenas eram compreendidas por outros caminhos.

Essa compreensão mudou também minha forma de olhar para minha própria história. Eu não estava levando conhecimento para um lugar onde ele não existia. Eu estava juntando aquilo que aprendi na universidade com tudo aquilo que aprendi vivendo na comunidade.

Quando comecei a dar aula, percebi isso ainda mais. Nas disciplinas de História, Geografia e Sociologia, muitas vezes utilizava experiências da minha própria realidade para aproximar os conteúdos dos estudantes. Percebi que aprender fazia mais sentido quando eles conseguiam enxergar relação entre a escola e suas próprias vidas. Muitos alunos enfrentavam dificuldades parecidas com as que eu já tinha vivido. Por isso, quando contava um pouco da minha história, não era para mostrar uma trajetória perfeita, mas para mostrar que novos caminhos também eram possíveis.

Hoje entendo que ser professor quilombola é carregar uma história e transformar essa história em aprendizado. É valorizar as memórias, respeitar os saberes da comunidade e mostrar aos jovens que suas origens não são obstáculos, mas fazem parte daquilo que eles são. A universidade me trouxe novos conhecimentos, mas foi a comunidade que deu sentido a eles. É nessa ligação entre o que aprendi e o que vivi que encontro minha identidade como professor.

6.3 A educação como herança: o legado construído para a família e para as novas gerações

Ao longo deste memorial, percebi que minha caminhada nunca foi construída sozinho. Cada etapa teve a presença de pessoas que acreditaram em mim, me apoiaram e ajudaram para que eu continuasse estudando mesmo nos momentos mais difíceis. Hoje compreendo que a educação sempre esteve presente na minha família como um valor passado de geração em geração.

Quando lembro da minha infância, uma das primeiras imagens que vem à minha memória é a da minha avó, professora durante muitos anos. Eu observava seus materiais, seus cadernos e o respeito que ela recebia das pessoas da comunidade. Naquele tempo eu ainda não entendia completamente a importância do seu trabalho, mas já percebia que havia algo especial na profissão de ensinar.

Essa influência também vinha dos meus pais. Meu pai, que precisou deixar os estudos cedo para trabalhar, sempre mostrou que queria para os filhos oportunidades diferentes das que ele teve. Minha mãe, mesmo diante das dificuldades da vida, nunca deixou de incentivar nossa caminhada escolar. Eles não diziam que seria fácil, mas sempre mostraram que estudar valia a pena.

Foi através desses exemplos que aprendi a valorizar a educação. O estudo deixou de ser apenas uma obrigação da escola e passou a representar uma responsabilidade comigo mesmo e com as pessoas que acreditavam em mim. Durante a graduação, essa força que vinha da minha família foi ainda mais importante. A pandemia mudou completamente minha rotina acadêmica e trouxe momentos em que pensei se conseguiria concluir o curso. A distância da universidade, as dificuldades com as atividades remotas e a falta do contato presencial tornaram aquele período muito difícil.

Ao mesmo tempo, minha vida pessoal também passou por grandes mudanças. Meu filho Lucas enfrentou um longo período de acompanhamento médico até conseguir realizar sua cirurgia. Foram anos de consultas, viagens e preocupações que me fizeram enxergar a vida de outra maneira. Lembro especialmente do dia da cirurgia. Aquele momento me mostrou que existem situações que vão além de qualquer formação ou conhecimento. Como pai, tudo o que eu queria era que meu filho ficasse bem. Quando recebi a notícia de que o procedimento havia acontecido e que ele estava seguro, senti uma das maiores alegrias da minha vida.

Depois daquele momento, a graduação passou a ter um significado ainda maior. Concluir o curso deixou de ser apenas uma conquista pessoal. Também passou a representar um exemplo para meus filhos e uma forma de mostrar que a educação pode abrir caminhos.

Essa experiência também mudou minha maneira de ser professor. Passei a olhar meus estudantes de outra forma, entendendo que cada um carrega histórias,

dificuldades e responsabilidades que nem sempre aparecem na sala de aula. Muitas vezes, reconhecia neles situações que também fizeram parte da minha própria caminhada.

Foi assim que compreendi uma das maiores lições da minha trajetória: ensinar também é acreditar nas pessoas. Essa confiança foi algo que recebi da minha família, dos meus professores e da minha comunidade. Hoje, como professor, busco oferecer aos meus estudantes aquilo que um dia também ofereceram a mim: a certeza de que eles são capazes de construir seus próprios caminhos.

6.4 Permanecer pertencendo: a educação como compromisso com o futuro

Quando comecei a escrever este memorial, pensei que iria apenas lembrar alguns momentos da minha vida. Mas, no decorrer da escrita, percebi que contar minha história era também lembrar das muitas pessoas que fizeram parte dela. Eu não cheguei até aqui sozinho. Antes de qualquer conquista, existiram minha família, minha comunidade, meus professores e tantas pessoas que, de alguma forma, me ajudaram a continuar. Cada um deixou uma marca na minha caminhada.

Durante muito tempo, estudar significava para muitas pessoas da comunidade sair em busca de oportunidades. Eu também precisei sair muitas vezes para estudar, mas nunca enxerguei isso como deixar minhas origens para trás. Pelo contrário, quanto mais eu conhecia outros lugares, mais percebia o valor da comunidade onde cresci.

A universidade me trouxe novos conhecimentos e novas formas de olhar para o mundo, mas também me ensinou a olhar novamente para minha própria história. Eu percebi que a comunidade onde fui criado sempre teve conhecimento, mesmo que muitas vezes esse conhecimento não estivesse escrito em livros. Ele estava nas histórias das pessoas, nos costumes, na forma de viver e na maneira como todos se ajudavam.

Foi isso que a Educação do Campo me ensinou: a escola e a universidade não devem caminhar separadas da realidade das pessoas. O conhecimento precisa conversar com a vida. Essa compreensão mudou minha forma de ser professor. Hoje, quando entro em uma sala de aula, não vejo apenas estudantes. Vejo pessoas com histórias, dificuldades, sonhos e experiências que também ensinam muito. Muitas

vezes encontro nos meus alunos situações que lembram minha própria caminhada, e isso me aproxima deles.

Minha formação também não aconteceu de forma perfeita ou sem dificuldades. A pandemia, os desafios da graduação e as situações vividas pela minha família fizeram parte desse caminho. Ainda não concluí oficialmente essa etapa, mas aprendi que uma caminhada não deixa de ter valor porque demora mais do que o esperado.

Quando penso em tudo que vivi, percebo que a educação representa muito mais do que uma profissão. Ela está ligada à minha família, à minha comunidade e às pessoas que acreditaram em mim quando eu ainda estava construindo meus próprios sonhos. Hoje, desejo que outros jovens também possam perceber que existem possibilidades para eles. Assim como um dia alguém acreditou em mim, quero continuar mostrando aos meus estudantes que eles também podem chegar a lugares que talvez hoje pareçam distantes.

Este memorial não conta apenas a minha história. Ele conta um pouco da história da minha família, da minha comunidade e das pessoas que caminharam comigo. No fim, entendo que a educação não me afastou de onde eu vim. Ela me ajudou a enxergar ainda mais o valor das minhas raízes e me deu condições de voltar, contribuir e continuar fazendo parte dessa história.

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este memorial foi a forma que encontrei de organizar a caminhada que me trouxe até aqui. Ao olhar para trás, desde a infância na comunidade Nossa Senhora da Conceição do Baixo Poacê até os desafios que enfrentei na faculdade e na sala de aula, percebo que tudo faz parte de um mesmo fluxo. Minha história não tem fim, ela é um movimento constante que segue se transformando.

Eu não virei educador só porque recebi um diploma. Esse caminho começou lá atrás, no dia a dia da comunidade, no esforço dos meus pais e na dedicação da minha avó, Maria Maciel. Ensinar sempre foi, para mim, o jeito natural de viver e de passar adiante o que aprendi com o meu povo. A faculdade apenas me deu ferramentas novas para ampliar esse papel. A alternância entre o tempo na universidade e o tempo na comunidade foi fundamental para unir o saber acadêmico com a vivência do campo, fortalecendo a minha identidade quilombola.

É claro que enfrentei muitos desafios no percurso. Lidar com distâncias, dificuldades e com o cuidado pela saúde do meu filho, Lucas Lauan, enquanto buscava a formação, foram provas de resistência. Essas experiências apenas reforçaram a minha capacidade de lidar com as dificuldades e me deram a sensibilidade necessária para entender, de verdade, as batalhas que cada aluno meu também enfrenta.

Hoje, atuar na rede municipal de Moju e colaborar com a associação quilombola Yorubá de Santa Luzia é o reflexo direto de tudo o que vivi. Esse trabalho é a continuação do que aprendi, é a prática de somar esforços com a comunidade para fortalecer os nossos jovens e mostrar que podemos ocupar qualquer lugar sem perder as nossas raízes.

Agradeço à educação por ter me aberto as portas e por me dar a clareza necessária para seguir atuando com propósito. Este relato é o registro de uma trajetória que segue em plena marcha. Sigo adiante com mais bagagem, com a convicção de que o trabalho que faço hoje é apenas um passo a mais em uma caminhada que não para de crescer. O aprendizado continua, a prática segue e o meu compromisso com a educação do campo se renova a cada dia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.; CALDART, Rosângela Custódio; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERKE, Janinha; GUIMARÃES, Alessandro da Silva. **Memórias e narrativas dos estudantes da educação do campo mediadas pelo caderno da realidade**. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 21, n. 70, p. 1072–1096, jul./set. 2021.

OLIVEIRA, Silvia Naara da S. Pinto de. **Memoriais de estudantes da Licenciatura em Educação do Campo: letramentos e identidades maternas**. *Linha Mestra*, Campinas, n. 42, p. 122–131, set./dez. 2020.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida**. Lisboa: Educa, 1988.

PODELESKI, Setembrino Junior da Silva. **Memórias da constituição de um educador do campo. 2020**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SANDES, Alano José Soares; ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Memória de jovens rurais universitários e universitárias sobre experiência de vida e trabalho**. *Revista Retratos de Assentamentos*, Araraquara, v. 25, n. 1, p. 305–338, 2022.

SANTOS, Rosângela Martins de Oliveira dos. **Transporte escolar: a longa caminhada até a sala de aula**. Formiga, MG: Editora MultiAtual, 2021.

SILVA, Thaís Patrícia Paulino da; BARBOSA, Marily Oliveira. **Por uma educação quilombola: um olhar geográfico à comunidade remanescente Muquém**. *Periferia: Educação, Cultura & Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.